

5 f h] [c g

Ao lermos no Evangelho o episódio a respeito de Simão Cireneu, devemos imaginá-lo como um homem miúdo, pobretão, que levava a sua vida com uma felicidade própria aos pobres.

Os pobres são mais despreocupados que os ricos



São Francisco de Assis Mosteiro de Sancta María de La Rábida, Espanha

Em geral, tem-se a impressão de que o pobre vive preocupado porque lhe falta dinheiro, e que o rico passa a vida despreocupado porque lhe sobra dinheiro. Mas não é assim. Neste nosso século todas as fortunas estão continuamente abaladas, no risco de serem perdidas. Se um homem tem uma pequena indústria, de um momento para outro pode vir uma greve e jogar a sua fábrica no chão. Se possui um consultório médico ou um escritório de advocacia, de repente pode surgir uma calúnia e acabar com a reputação dele. Todas as profissões trazem hoje preocupações muito grandes.

Uma das vezes em que estive em Roma, visitei um seminário dos Jesuítas. O padre que me mostrava o colégio disse-me:

- Aqui morou e morreu o nosso Padre Fulano. Perguntei:

%#%)

5 f h] [c g

- Quem é o Padre Fulano?

- Não ouviu falar?! Antes de ser padre, ele fora engenheiro e construiu uma ponte célebre aqui no Tibre.

- Ah!... está bem.

O Tibre está cheio de pontes, uma a mais, uma a menos não faz diferença; eu não vi a considerada especialmente “célebre”. Mas, em todo caso, celebrei um pouco a coisa. São as gentilezas e as banalidades da amabilidade. Então ele contou uma coisa que achei interessante:

- O senhor não imagina que antes de ser padre ele foi um engenheiro de mão cheia. E, por coincidência, deram-lhe um quarto aqui, donde se via a ponte que ele havia construído. Quando ele estava à beira da morte e já não podia se mover, de vez em quando pedia ao irmão jesuíta que tomava conta dele para levá-lo até à janela, a fim de ver se a ponte não tinha caído. Não tinha razão nenhuma, coitadinho. Mas levava essa preocupação até o fim da vida.

O pobre é menos preocupado porque não tem a aflição do que fazer com o seu dinheiro. Ele vai tocando a vida. Quando olhamos para as pessoas pobres na rua, notamos terem a fisionomia mais despreocupada do que as ricas. Um dos Santos mais alegres que houve na Igreja foi São Francisco de Assis. Ele escreveu até uma famosa reflexão a respeito da perfeita alegria.

Certa vez, meu pai foi apresentado a um rapaz riquíssimo, uma das maiores fortunas de São Paulo. Estavam também outras pessoas da família. Começaram a conversar e meu pai, já bem idoso, começou a dormir. Mas eu percebi, pelo jeito dele, que estava meio dormindo, meio prestando atenção na prosa. Então o rapaz começou a contar que ele precisava ir para tal fábrica, etc.

Meu pai abriu ligeiramente os olhos e disse:

- Olhe rapaz, o dinheiro é bom escravo e mau senhor. Se você tem essa fortuna toda para aproveitar, aproveite, mas para carregar o

5 f h] [c g

seu dinheiro como você carrega, isso não é vida.

Lembro-me ainda da surpresa do rapaz, mas ele percebeu que ali tinha qualquer coisa de verdadeiro.

A tragédia irrompe na vida do Cireneu

Então o Cireneu deveria andar despreocupadamente, pensando nas pequenas coisas da vidinha dele: a sandália estava meio desgastada, como ele iria fazer para mandar consertar, ou arrumava ele mesmo...



Jesus carrega o peso da Cruz Igreja de Jesus Nazareno, Cidade do México, México

Ou, então: “Qual é a espécie daquele passarinho que está piando lá; será que serve para comer? Se servir, posso levá-lo a fim de alimentar meu filho; se não, para minha mulher pôr numa gaiola e ficar nos divertindo em casa.” E coisinhas assim... Podemos imaginar até que ele ia alegre, cantarolando. É a despreocupação da vida do pobre.

' #%)

5 f h] [c g

De repente depara-se com uma turbamulta gritando: “Pega! Mata! Crucifica!” Ao longe, o Cireneu ouvia uns gemidos. A tragédia irrompera na sua vida. Ele nunca escutou ninguém gemer assim. Que dor lancinante! Quem seria o homem que gemia? Talvez pensasse ele: “Mas eram gemidos ou um cântico? Que voz harmoniosa, que timbre bonito, que vontade eu teria de ajudar esse homem, o qual geme de um modo tão celeste! Quem será esse homem?”

Pela primeira vez sentiu-se meio atraído por algo que nunca o atraía na vida. Quando ele via alguém sofrer, tinha vontade de fugir. A dor era precisamente o que a sua alegria despreocupada não queria ter; ele queria fugir de todos os sofrimentos, de todos os que sofrem, porque de repente aquela dor poderia contagiá-lo.

Alguém roga ajuda, um apoio, ele está com pena, mas pode acabar entrando na tragédia; isso ele não quer, é um securitário. Por isso tem vontade de sair, de afastar-se daquele caminho. Mas ao mesmo tempo a voz vinha chegando mais perto, o vozerio dos algozes também ficava mais alto.

Simão pensava: “Que contraste! Quando esse homem geme é uma música; mas esses que gritam contra ele, o perseguem, que barulho medonho, que vozes horrorosas, que charanga sem harmonia, que gente má! Eu estou com vontade de tomar partido.”

Era uma graça que, sem ele saber, batia em sua alma, penetrava nela e o Cireneu ficava inclinado a fazer o bem.

Mas de outro lado vinha a sugestão do demônio: “Cuidado! Fuja! Olhe, entre por aquela porta, isto aqui dá encrenca! De repente misturam você com isso e o levam para a dor junto com ele. Dor, não! Fuja da dor! Idiota, não se comova!”

Ele pondera: “Olhe que é verdade, hein! Se eu desse uma volta por lá, pela outra porta, seria um pouco mais longe, porém eu ficaria longe desse barulho.”

O Sangue de Cristo brilha como um rubi

(#%)

5 f h] [c g

Nesse momento ele ouve os gemidos novamente.

Com o coração rachado de compaixão, a graça pousando nele, contudo com o egoísmo soprado pelo demônio dizendo-lhe o contrário: “Pense em si, não se incomode com esse homem! Se ele estivesse no seu lugar, fugiria; fuja você também, bobo!”

Na indecisão, o Cireneu continua a caminhar. Em certo momento dá-se o encontro: ele vê um Homem de trinta e três anos com os longos cabelos desalinhados, gotejando sangue, o rosto coberto de contusões que o tornavam azul num ponto e noutro, com o nariz naturalmente arqueado, quebrado por uma pancada brutal, com a cabeça coroada de espinhos, com uma Cruz pesadíssima às costas e que Ele arrastava penosamente.

Simão ficou horrorizado e pensou: “Mas na vida, há tanta dor assim? Nunca pensei que isso pudesse acontecer a alguém, e de repente sucedeu a ele. E não pode, de repente, acontecer a mim?”

O demônio sussurra: “Fuja! Fuja!” Um Anjo dizia: “Fique aqui, tem alguma coisa para você!”

Um dos soldados romanos viu-o nessa indecisão e lhe ordenou brutalmente:

- Pegue a ponta da cruz!

Os romanos dominavam a Terra Santa, eram os senhores e a nação judaica fora conquistada por eles; por isso, mandavam em tudo. Quem estivesse com aquele capacete romano, com aquela armadura, com as armas de César, esse tinha que ser obedecido.

“Como - pensava Simão -, é essa cruz ensopada de sangue que ele me mandou pegar? Vejo o sangue que escorre e goteja no chão, e eu vou me molhar com ele...”

Enquanto cogitava nisso, o Sol incide no Sangue e brilha uma cor rubi. Algo lhe diz: “Esse Sangue é a salvação, agarre-O.” “Mas - pensa Simão - e a dor, o peso dessa cruz?”

) #%)

5 f h] [c g

- Pegue já - insiste o soldado -, porque ele não está aguentando e tem que subir até o alto daquela montanha.

O Cireneu cogita: “Eu então tenho que levar essa cruz até o cimo da montanha. Subir uma montanha com uma cruz, atrás desse pobre coitado gemendo assim?! Não tenho coragem, é muito esforço, e não gosto de fazer esforço.”

- Pegue! Se não, você apanha.

Simão pensa: “Agora a coisa complicou, porque então vai escorrer o meu sangue. Dessa não fujo... Já devia ter escapado, agora tenho que pegar a cruz.” Ele, então, decide carregar a Cruz.

A bondade de Jesus dedilha sua alma

Quem leva a Cruz olha para ele. E Simão percebe que aquele olhar o penetrou completamente, e ele sente uma coisa que nunca sentiu na vida. O Cireneu é um homem casado, possui filhos, alguns deles pequeninos, teve bons pais e relações de família comuns, como havia naquele tempo. Mas ele se sente objeto de um olhar como nunca ninguém o olhou assim. Ele sentia que esse olhar lhe penetrava no fundo da alma, e era de Alguém que o conhecia antes mesmo de ele nascer, sabia quem era e quem havia de ser. Um olhar extraordinário, que o envolvia de um afeto como nunca ninguém tinha tido.

* #%)



Quinta Estação da Via Sacra Igreja Santa Maria, Toronto, Canadá

Ele se sentiu compreendido nas suas peculiaridades e percebeu que aquele olhar conhecia a sua vida inteira, todas as suas dores, e que tinha pena dele. O Cireneu sentiu-se atraído mais do que nunca; tendo tomado a Cruz, o Sangue quente que escorria lhe tocou nas mãos, ele sentia-se meio envolvido naquela tragédia, e cada vez mais atraído por esta.

Mas o medo procede por solavancos e, em determinado momento, ele diz para o romano:

- Eu não quero continuar!
- Se não carregar, apanha!

Ele, então, mal-humorado toma a Cruz e prossegue.

Um diálogo mudo se estabelece entre os dois homens. O Homem-Deus e o Cireneu. O Homem-Deus dizia a ele:

+#%)

5 f h] [c g

- Meu filho, é por você que Eu sofro. Você me vê no auge do abandono, da desgraça, no último ponto do desprezo dos homens, mas olhe para Mim, note que misteriosa grandeza há em Mim. Que bondade envolvente, a qual dedilha a sua alma como um bom médico toma uma chaga para nela pôr um unguento. Você não percebe que está sofrendo fisicamente com o peso da minha Cruz, mas que a sua alma está sentindo uma leveza como nunca sentiu? Não está percebendo que um horizonte novo se põe para você?

Encontram-se ao pé do Calvário, é preciso continuar a subir e a Cruz para Simão se torna cada vez mais pesada. Ele pensa: "É terrível isso, entretanto mais terrível seria se eu largasse a cruz e Ele caísse sob o peso dela e esfolasse as palmas das suas mãos nas pedras deste solo. Eu não suportaria isso, agora vou até em cima."

E ajudou a carregar a Cruz até o cume do Calvário.

Os carrascos dizem a Jesus:

- Põe a cruz no solo!

Ele, humilde e bondosamente, coloca a Cruz no chão e ao Cireneu que O ajudava fitou com um olhar de reconhecimento. Foi o último olhar que Ele deu para Simão.

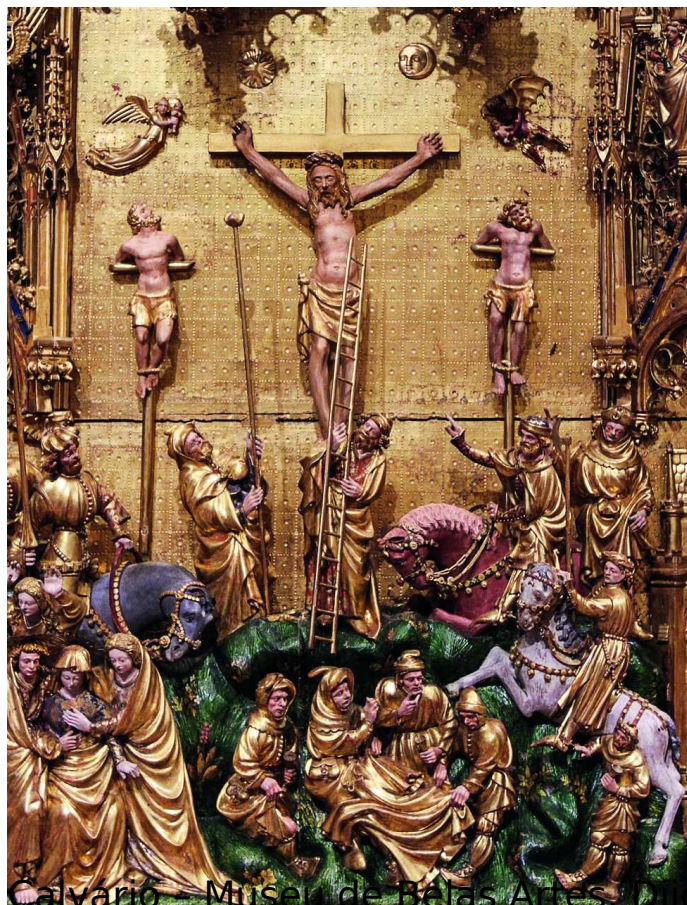
O Cireneu afastou-se e percebeu que os romanos já não estavam pensando nele, estava fora da tragédia.

Disseram a Nosso Senhor:

- Abra os braços, estenda bem as pernas, nós vamos cravar estes pregos nas suas mãos e nos seus pés!

E Ele, como quem queria sofrer aquilo, fez o que mandavam e a pancadaria começou.

, #%)



Calvário - Museu de Belas Artes, Lyon, França

“Transpassaram as minhas mãos e os meus pés, posso contar todos os meus ossos” (Sl 21, 17-18). Este Salmo se referia ao Messias. De fato, puseram cravos um em cada mão e depois nos pés. Segundo uma tradição, não foi um prego em cada pé, mas um grande cravo que atravessou os dois pés, prendendo-os na Cruz.

Apavorado e ao mesmo tempo fascinado

Quando isso estava feito, levantaram a Cruz e Ele ficou pendente daqueles pregos de maneira tal que, quando Se apoiava nos braços, os cravos começavam a rasgar as mãos; quando Se sustentava nos pés, para evitar que se rasgassem as mãos, o prego iniciava a dilacerar os pés, e tudo não era senão aumento de dor.

O Cireneu, de longe, olhava apavorado e ao mesmo tempo fascinado, não falava com ninguém, ele tinha voltado a ser um anônimo na multidão.

- #%)

5 f h] [c g

Em determinado momento, ele percebeu que do alto da Cruz Nosso Senhor conversava com os dois ladrões, os quais estavam de um lado e de outro. Ele notou que um ladrão blasfemava e Nosso Senhor fingia não ouvir. E o outro olhava com tristeza e tomava a defesa de Jesus, dizendo:

– Por que você blasfema dessa maneira? Estamos aqui porque somos criminosos; o destino de um criminoso é morrer como nós. Ele é o inocente, Ele é o justo, Ele é o Santo, e morre assim...

E Simão ouviu Nosso Senhor responder:

Tu hoje estarás comigo no Paraíso.

Perdoou todos os seus pecados e profetizou que Ele iria para o Céu e levaria consigo o bom ladrão.

O povinho passava de um lado para o outro, alguns apedrejavam, outros vaiavam, outros se calavam, alguns choravam. O céu foi se escurecendo cada vez mais. Em certo momento fez-se noite sobre Jerusalém e, entretanto, eram três horas da tarde. E nessa “noite” se ouviu o brado d’Ele: “Eli, Eli, lamá sabactâni? – Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonaste?” (Mt 27, 46). E, em seguida: “Tudo está consumado!” (Jo 19, 30). E morreu.

Nossa Senhora lhe dá um sorriso machucado, mas florido

Um grupo de mulheres estava lá, das quais uma exercia sobre Simão uma atração parecida com a produzida por aquele Homem. O Cireneu perguntou:

- Quem é aquela?
- É a Mãe d’Ele – respondem.
- A mãe dele? Mas isso para mim vale mais que uma rainha, uma imperatriz, mais do que todo o mundo. Que honra ser mãe desse homem fracassado, tão inábil que sendo inocente não evitou a própria morte. Que sabedoria desse homem derrotado, e que vitória essa cena!

%)#%\$

5 f h] [c g

Jesus morreu e o céu todo se toldou, escureceu, e quando ele pensava nisso um tremor começou a sacudir a terra.

O Cireneu continuou olhando aquilo, teve medo, sobretudo, quando viu figuras andando de olhos fechados, todas envoltas em tiras de panos brancos, que era como naquele tempo se envolviam os cadáveres quando sepultados e, com a boca fechada, diziam terríveis censuras ao povo. E com os olhos cerrados pareciam que olhavam e radiografavam o corpo e a alma Quinta Estação da Via Sacra - Igreja de daqueles bandidos. Eram os justos da Antiga Lei que saíam das sepulturas para increpar o povo que acabava de matar o Filho de Deus. Ao longe, ele viu o Templo todo tremer.

Ele quis falar com aquela Senhora, mas não ousou, tal a pureza que via naquela Dama.

Tiraram da Cruz o Corpo sagrado de Jesus, ungiram-No sobre o colo d'Ela e levaram-No para a sepultura. Organizou-se, então, o cortejo de umas dez ou quinze pessoas: São João Evangelista, as mulheres, Nicodemos, José de Arimateia.

Simão não teve coragem de acompanhar. Ele pensou: "O que vai me acontecer? Vejo-me tão cheio de ideias, de preocupações, que já estou perdendo a esperança, porque, afinal de contas, sou um miserável, um medroso, um homem carregado de pecados. Nunca estarei à altura de tudo quanto eu vi."

O cortejo aproxima-se e aquela Senhora faz pousar sobre o Cireneu um olhar de bondade e lhe diz apenas duas palavras: "Meu filho!"

"Ganhei o dia - pensa ele -, ganhei a vida, estou perdoado, vou para casa."

Em sua residência a mulher e as crianças dormiam, tudo estava tranquilo. O primeiro cuidado que ele teve foi de trocar de túnica, pegar a usada e osculá-la com reverência; era o seu primeiro ato de adoração. Ele terá pensado: "Esse Homem é Deus". Foi o primeiro ato de Fé, de adoração.

%(#%)

5 f h] [c g

Dobrou a túnica considerando-a o maior tesouro do mundo, osculou as manchas de Sangue como se fossem a coisa mais preciosa que há na Terra - e era mesmo -, guardou-a num lugar onde ninguém podia mexer; pôs outra túnica e sentou-se do lado de fora do jardim.

O tempo corria... De repente, ele percebe que aquele cortejo estava se dispersando. O Cireneu saiu de novo atrás deles e viu a casa para onde se dirigiam. Abriram a porta e, pouco antes de entrar, aquela Senhora olha para trás e, do fundo de sua dor, dá-lhe um sorriso, machucado, mas florido. Ele entendeu, era um convite.

O Cireneu começou a frequentar os Apóstolos e tudo leva a crer que se santificou, talvez tenha morrido mártir. O silêncio paira sobre esta vida que começa no silêncio. Era um homem adulto que de repente saía da banalidade, da vulgaridade, e entrava nesse arco de dor e de glória. Acabou cumprindo o seu dever depois de mil dificuldades e sumiu de novo no anonimato, mas a alma dele, assim podemos esperar, foi recebida no Céu quando ele morreu. O Cireneu tinha tido a honra, a vocação única de, sozinho, carregar a Cruz do Cordeiro de Deus.

O Cireneu não era um combatente e nós o somos

Nós podemos carregar a Cruz de Nosso Senhor?

%	%)

5 f h] [c g



Jesus carregando a Cruz – Igreja de São Francisco, Baena, Espanha

Da Cruz resta apenas um pedaço em Roma, mas dele, de vez em quando, obtém-se algum minúsculo fragmento com um valor moral e religioso inapreciável: é o Santo Lenho. Figura na cruz peitoral de alguns bispos, nos relicários de algumas igrejas, etc.

Há mil modos de carregar a Cruz. Nós A levamos quando sofremos por amor a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Por exemplo, há muita gente que nos odeia porque amamos a Nosso Senhor, somos puros, castos, acreditamos na Santa Igreja Católica Apostólica Romana como ela deve ser, sem embustes e falsificações. Por isso todos quantos se entregaram ao paganismo contemporâneo nos odeiam.

Sempre que esse ódio bater em nosso peito, acompanhado desta ameaça: “Você vai ser vaiado e isolado por todos. Bobo, deixe isso!”,
% #%)

5 f h] [c g

lembramo-nos de que estamos carregando a Cruz do Redentor, e de que temos um prêmio demasiadamente grande diante de nós. Quem é perseguido, odiado e desprezado por amor à virtude, à Fé, a Nosso Senhor Jesus Cristo, esse tem um prêmio enorme no Céu.

No sermão das bem-aventuranças Nosso Senhor disse expressamente que uma delas era para aqueles que sofrem perseguição por amor à virtude, ao bem. O bem e a virtude naquele tempo eram designados pela palavra “justiça”, que dava o nome a todas as outras virtudes. Esses bem-aventurados receberão recompensa nesta vida e no Céu.

Mas o Cireneu não era um combatente e nós o somos. Nós não devemos nos limitar a levar a pancada, temos que tomar o trabalho de dar a pancada também.

Quer dizer, quando caçoam de nós, não devemos fazer uma cara de bobo que apanha; isso é ridículo, não digno do nome de Nosso Senhor. Precisamos levantar a cabeça e responder taco a taco:

“Eu menosprezo o seu desprezo e me orgulho d’Aquele de Quem você fala mal. Você está falando mal de Nosso Senhor Jesus Cristo e eu me ufano de Nosso Senhor Jesus Cristo, eu O adoro como Homem-Deus, ria quanto quiser, que debocho de sua risada.”

“Está vendo aquele jovem lá? Você vai corrompê-lo com maus conselhos. Eu vou junto com você defendê-lo contra suas más palavras, porque quero retê-lo junto à Cruz de Cristo. Terei batalhas por isso, mas responderei a uma ofensa com uma defesa, a um argumento com outro argumento, serei denodado como um batalhador, e levarei muitos atrás de mim; são centenas de derrotas que você encontrará no seu caminho, as quais são as vitórias de Nosso Senhor Jesus Cristo.”

O Homem-Deus conhecia o passado, o presente e o futuro. E quando carregava a Cruz, teve ciência de cada um daqueles que ajudariam a Igreja e a Civilização Cristã nas lutas contra seus adversários. Ele via todos os ataques, todas as defesas. Observava, numa cidade chamada São Paulo, um auditório cheio de jovens chamados pela graça para O ajudarem a carregar a Cruz. Via essas

%(#%)

5 f h] [c g

almas se abrindo para a beleza da vocação do Cireneu e para a glória de carregar, combativamente, a Santa Cruz do Redentor. E isso O consolava na sua dor. De maneira que hoje nós consolamos a Nosso Senhor Jesus Cristo carregando a sua Cruz. Fomos, portanto, Cireneus.

Resta-nos pedir a Nossa Senhora, Mãe de Misericórdia, que nos faça Cireneus cada vez mais autênticos, mais amigos da Cruz e mais batalhadores pela Igreja e pela Civilização Cristã. (Extraído de conferência de 27/6/1987) - (Revista Dr. Plinio, Abril/2017, n. 229, pp 24 a 30).

% #%)